

## HISTÓRIA DE VIDA Nº 06 – NATANAEL

Meu nome é Natanael. Eu nasci em Serrolândia no dia 15 de dezembro. Como eu nasci na época de Natal, minha mãe, muito religiosa, achou bom colocar este nome, por causa da data. Nós começou morar primeiramente em uma fazenda onde meu pai trabalhava. Ele morou pouco tempo nessa fazenda; eu era novo ainda, tinha meus três anos. Aí depois, a gente se mudamos pro Tanque Novo, moremos três mês no Tanque Novo. Depois do Tanque Novo, nós foi pra Aldeia, onde eu comecei a estudar; aí, no meio do ano, nós se mudamos pra o Rompe Gibão, onde meu pai passou a plantar pra ele mesmo, e a gente tamos lá até hoje. Lá eu comecei novamente os estudos, a alfabetização, e estudei lá até a 4ª série.

Minha família tem eu, dois irmãos e uma irmã; só um mora hoje na rua ((cidade)). Eu sou o mais velho de todos e o mais velho acaba tendo mais um peso de responsabilidade com os irmãos, o trabalho na família. A família sempre foi unida e moradora da roça, desde os avôs da gente. A gente assim sempre aprendeu, desde pequeno, muito costume dos pais da gente; eles sempre ensinava coisa que eles também aprendeu com os pais... coisas da roça mesmo; é passado assim de pai pra filho: o nome da família, o trabalho, o respeito os mais velho... a forma até de falar aqui, a gente também aprendeu assim dos pais.

Eu comecei a estudar com seis anos e a trabalhar na roça com sete. Minha infância, eu não aproveitei muito porque meu pai morava em fazenda dos zôtros e se mudava de vez em quando, mas ele, às vezes, saía e deixava a tarefa com a gente. Quando ele terminava de sair, os amigos chegava lá e chamava, e a gente saía escondido ia tomar banho nos tanques dos vizinhos. Eu lembro que uma vez a gente ia tomar banho no tanque do vizinho e o vizinho enrabou em nós, foi um dismantelo. Aí nós correu, nós em vez de ir lá pra casa a gente arroudeou bem por longe pra dizer que não vinha de lá. Quando nós chegemo em casa, o vizinho já tinha passado lá e contado à mainha ((risos)). Eu lembro também que nós mentia, dizia que não foi nós. Aconteceu um monte de coisa em nossas vidas que a gente escondia e não contava. A gente já passou por um bocado de coisa. Nós usava muito as coisas da roça mesmo pra brincar: o rio, as pedrinhas, os búzios pra fazer boi, as porteiras, os mato, tudo que achava transformava em brinquedo, brincadeira. Às vezes, eu gostava de brincar de curralzinho, pegava um bocado de maracujá e dizia que era os bois, brincava de chicotinho queimar, de bandeirinha, de cuscuz.

Quando eu comecei a estudar, não foi em prédio, foi numa fazenda, na Aldeia; tinha um quarto separado para ensinar os alunos, mas pra mim tava tudo bem, porque eu ainda não sabia que escola mesmo era em prédio. Também eu estudei pouco tempo lá, só estudei três meses, aí nós se mudamos pro Rompe Gibão. Eu tinha uns seis anos. Quando eu voltei a estudar, eu já fui estudar no prédio do Bezerra, lá na roça; não era longe da minha casa, e a gente ia a pé todos os dias, um quilômetro; aí eu comecei a estudar e gostei muito. Minha primeira professora era Edineide, ela era boa pra ensinar, todo mundo gostou dela, até hoje gosta que é como amiga da gente, ela foi professora da alfabetização até a quarta. Eu não lembro muita coisa dessa época não, só lembro que tinha recreio, merenda porque era uma hora que a gente tava tudo junto, brincando. A gente ficava preocupado em dar a hora do recreio pra gente brincar de bandeirinha. Isso eu não esqueço porque era muito bom, a gente ficava livre. Nessa época, quando chegava em casa, trabalhava ainda na roça; não era toda vez, mas a gente trabalhava. Estudava de manhã e de tarde ia pra roça, e, quando era feriado, ia pra roça o dia todo. Da 1ª a 4ª série eu gostei muito, porque no começo assim você tá com toda vontade, com todo desejo de estudar mesmo... pronto pra aprender mesmo. Nessa escola, funcionava tudo misturado, todas as séries juntas. Era complicado, porque a professora tinha que ensinar tudo de vez e ainda servi merenda, às vezes. O ensino não era bom, pois a gente não tinha assim a separação das séries; a professora não conseguia, só mal ensinava a ler soletrando, fazia cópia e conta. E isso era pra todo mundo. Os mais adiantados lia mais. Mas era tudo igual. Coitada, ela ((professora)) até que tentava, mas não dava. Lá era um prédio da prefeitura: tinha quadro, carteira... A gente mora perto do prédio até hoje e, sempre quando eu passo perto do prédio, eu me recordo que ali foi onde eu comecei o início do meu estudo.

A 5ª série foi no Colégio Municipal, a gente vinha numa picape – um carrinho aberto com uma capotinha por cima. O colégio, na rua ((cidade)), era um lugar estranho, diferente, tudo diferente: professor, colega, matérias. Até da fala da gente, a gente tinha vergonha. Foi difícil no começo. Logo quando eu cheguei na 5ª série eu senti um pouco de dificuldade, pois quase não conhecia ninguém no colégio, senti muita dificuldade e a timidez, eu era muito tímido, mas passou tudo. Logo quando eu cheguei nos primeiros dias eu não tinha experiência de colégio, o povo me criticava eu era um pouco difícil de pegar amizade com as pessoas, mas depois eu arrumei meus colegas e aí relaxei mais, perdi mais a timidez e comecei estudando. Os meninos lá chamava a gente de tabaréu da roça, quando a gente errada em alguma coisa; outra vez, eles procurava confusão com a gente. Tinha vez que eles fazia galera pra mode pegar a gente; tinha vez que a gente fazia outra galera... tinha um dos nossos colegas que trazia

até faca escondida com medo deles, trazia de casa mesmo... trazia faca e, onde tivesse esgoto, escondia a faca ou onde tivesse; às vezes, capinava o colégio e ficava aquele bagaço... ele escondia debaixo; na hora de vim, ele pegava novamente e colocava dentro da boca da calça – fazia isso por conta das críticas, porque eles queria bater na gente; também aproveitava que a gente era da roça, pensava que era tão besta assim e queria bater. Tinha também muita crítica quando a gente falava errado, falava qualquer coisa assim, eles ((alunos e alunas da cidade)) chamava a gente de roceiro, da roça, de tabaréu da roça... falava isso com a gente... a gente ficava muito envergonhado. A 5ª a gente foi estudando, foi levando devagarzinho, mesmo assim com essa timidez, com as críticas, as professora falava que tinha que fazer seminário; apresentar trabalho na frente a gente ia com vergonha de ir, lia um pouquinho e passava a parte pro outro. Quando já tava pra terminar o ano, eu comecei brincar muito de bola, comecei a filar aula e acabei perdendo. Aí, depois que eu perdi, eu voltei a estudar novamente; na hora que eu voltei, aí agora, quando foi no final do ano, eu desistir novamente; aí depois que eu desistir da 5ª série é que veio o fluxo da aceleração; aí eu fiz a 5ª e 6ª; aí agora eu passei, não filei aula mais, parei de brincar bola.

Aí depois eu fiz a 7ª e 8ª, eu não consegui tirar uma boa média; aí eles ((professores e professoras)) não me passaro pro 1º ano e me botaro pra fazer a 8ª normal. Aí eu fiz a 8ª normal e eu estudava pela parte da tarde; aí eu comecei a fazer pela parte da noite pra ficar mais melhor pra mim trabalhar. Aí, quando foi no meio do ano, teve umas greve aí que os prefeito não tava pagano os professores, os motoristas, aí teve uma greve um período bom. Aí depois da greve que voltou as aulas, pagou os professores e os motorista atrasado. Aí os motoristas não tava rodano, e aí eu fiquei esse período de tempo sem ir pra escola; aí, quando eu voltei, faltava poucas semana; de repente, trocou de motorista: o outro não quis mais que não tava recebendo, e o outro passava muito longe e não tinha como eu ir; às vezes eu ia, mas era longe, muito longe. Aí tinha vez que eu não ia. Quando eu voltei ao colégio, já tinha fechado a terceira unidade, foi apenas dois mês essa greve. Aí quando voltou, foi rapidinho: fechou a terceira unidade. Aí eu vim pro colégio, já depois de alguns dias de aula, e aí eu conversei com as professora que tinha acontecido essa greve, e eu fiquei uns dias sem vim, e elas já tinha fechado a unidade, e eu procurei se elas não tinha como passar um trabalho pra mim recuperar porque minhas médias tinha ficado tudo baixa, e as professora que eu procurei disse que não que já tinha fechado. Aí começou a quarta unidade, aí eu fiquei com a nota baixa, mas tinha como eu passar. Quando foi já fechando a quarta unidade, eu peguei e desisti, não fui mais porque tinha umas matérias que eu tava muito fraco, e eu fiquei com

medo de perder, e eu peguei e desistir. Quando foi na prova final, a diretora mandou uma carta pra mim ir: disse que era pra eu fazer a prova final, que eu tinha passado em três matérias ainda, sem fazer a quarta unidade; aí eu, sem querer ir, peguei e fiz, mas não consegui passar não, passei em duas ainda, mas não consegui em tudo não. Aí foi mais um ano perdido novamente, porque era muito puxado estudar na rua ((cidade)) e trabalhar ainda na roça; o desgaste é grande, o tempo é pouco, não dá pra se dedicar. Aí eu tentei novamente a 8ª série no municipal ainda; aí foi que eu comecei a estudar e meu irmão também; ele estudava pela parte da tarde e transferiu. Aí nós começou a estudar tudo junto numa sala de 8ª série. Todos trabalho que passava eu fazia junto mais ele; tinha outra turma lá também, a gente fez o trabalho tudo junto. Aí, nesse estudo, a gente se apegou mais; a gente paramos de trabalhar na roça mais, trabalhamos mais pouco, porque às vezes tinha dever, trabalho que passava e a gente não podia fazer por causa do trabalho. Aí a gente disse: “Não, quando tiver trabalho, a gente não trabalha na roça; a gente trabalha pra nós mesmo. A gente faz nossos trabalho de escola”. E aí a gente tiramos uma boa nota nessa 8ª série e passamos para o segundo grau. Depois disso, sempre procurei fazer tudo certinho na escola pra compensar o tempo que a gente fica na roça, no trabalho. E hoje a gente tá terminando e não foi fácil ficar sempre nessa luta de estudar e trabalhar. Hoje eu trabalho na roça, ajudo meu pai na barraca dia de sexta no mercadão, e faço outros bicos que aparece e continuo meus estudo pra terminar logo o segundo grau.

Eu fui para o EJA desde o 1º ano, mas eu acho que não aprende direitinho não porque salta algumas matéria, salta alguns assunto que não dá tempo dá tudo; é pegano os pontos mais interessante. Não aprende muito não, mas, se você se interessar o que passar, dá pra você pegar. No EJA, corta muita coisa: a gente vai só tendo aquilo mais necessário mesmo, o básico. Pra mim, foi importante porque já tava atrasado, e eu também pensava muito na minha vida que eu me achava que já tava ficando velho e precisava sair para trabalhar e eu tinha que fazer aceleração pra adiantar. No colégio da rua ((cidade)) é bom porque tem isso – o EJA – e pode fazer a gente adiantar os estudo e ter logo o diploma pra poder sair pra fora mesmo.

O ensino aqui são quase iguais com coisas que a gente aprendeu na roça; na parte de português, esse negócio de separação de sílabas, antônimo, sempre recorda nos nosso estudo de hoje. Até o ano retrasado, a professora recordava algumas coisas. O estudo tem muita importância em minha vida. Quando eu comecei a estudar, eu tinha muita dificuldade em ler e escrever. A professora sempre falava comigo que eu tinha que produzir muito texto, ler

muito livro, romance. Eu sei que eu melhorei muito na leitura, que eu era muito ruim pra ler mesmo. Aí eu pegava no colégio, na biblioteca, os livros, os romances pra ler em casa... eu melhorei muito na leitura e na produção de texto também porque eu começava a produzir o texto, mas não saía muito legal porque começava bem e depois fugia do assunto.

Eu vim estudar aqui, em Serrolândia, porque lá onde a gente morava; não tinha assim um estudo mais avançado de 5ª série em diante, só era até a 4ª. Depois, que eu vim pra cidade estudar; eu acho que eu tive mudança mais na forma de falar, porque a gente não falava bem direito, até no caso que nem gente que é paulista, você pega mais um jeito assim, não imitando ele, mas você muda mais na fala. Também o jeito de você conviver com as pessoas, ter mais educação com aquelas pessoas mais idosas. Antigamente eu era muito grosseiro com essas pessoa; hoje eu sou muito diferente. Eu me acho muito diferente o jeito de lutar com essas pessoa, até assim mesmo quando eu tô negociando com meu pai, colocando barraca dia de sexta, no mercadão, a gente vende batata, aipim, mangalô, feijão de corda e andu. Eu peguei aquele jeito de tratar aquelas pessoa que compra assim... aquele jeito de tratar idoso mesmo... com carinho, ajeitando... eu peguei aquele jeito.

No começo dos estudos no colégio, a gente tinha umas matéria que ajudava a gente na roça, na 5ª série; na 6ª, a gente estudou na parte de agricultura a pecuária, como você plantar naquela terra fértil, os agrotóxico... ajudou muito. Hoje não tem nenhuma disciplina que fale e ajude nas coisa da roça; o ano passado tinha geografia, que falava sobre as regiões... essas coisas assim da roça.

As coisas da roça que a gente aprende tem muita coisa. Eu sei que, quando dá meio-dia, se a gente tiver trabalhando com a enxada, a gente pega a enxada e coloca empezinha no meio da roça certinha e, se a sombra tiver em volta da enxada, é meio-dia. Essas coisa de ficar vendo o tempo com as coisa da roça, a gente aprende em casa desde pequeno: com os pais, com os vizinho... eu mesmo, desde pequeno, que ficava esperando a chuva ouvindo meu pai falar das coisas da roça que diz que vai chover, como as nuvens carregada, ou então a gente se baseia quando vê o sol muito quente, sem vento, aquele sol abafado diz assim: “NÃO VAI TRÊS DIAS E CHOVE”. E tem muitos aqui na roça que acerta, chove logo. Tem muitas pessoa na roça que sabe também quando vai ter seca pela terra; eu não tenho muita experiência não. Isso eu não aprendi não; é mais complicado... eu não me liguei nessa parte não; agora, quando vai chover, eu sempre tenho uma idéia por conta da barra vermelha no céu, pelo sol, o vento fica

diferente, a gente sente estas diferenças que faz a gente entender que vai chover. E hoje, com o rádio, a gente também sabe com o que passa no rádio ou até na televisão quando assisti lá na rua ((cidade)). Agora tem alguns mais velho aqui que sabe até dizer se vai demorar de chover olhando a cor do sol; todas essas coisas do tempo se baseia na natureza mesmo. Agora os mais jovens hoje já aprende e usa algumas coisa disso. E, às vezes, quando a gente tá em casa, uma base de três horas da tarde que o galo canta, todo mundo já sabe que ele canta sempre na faixa de três horas, eles tem um mode de cantar nesse horário. E também na parte da tarde quando você vê que o sol está perto de se pôr, que você vê que é cinco horas, cinco e meia... por aí assim, a gente sabe se basear. Outra coisa que sabe é se as plantaçoão vai dá ou não, nós conhece demais; quando a gente planta a mandioca e se o tempo é chuvoso, com um ano ela já tá boa, já dá pra fazer a farinha, mas, quando o tempo é ruim, vai um ano e meio, dois ano. A gente conhece também as plantaçoão que a gente tem, sabe do desenvolvimento dela, como a mandioca mesmo nós conhece demais. Quando a gente planta a mandioca e se o tempo é chuvoso, com um ano ela já tá boa, já dá pra fazer a farinha, mas quando o tempo é ruim vai um ano e meio, dois ano porque a mandioca ela precisa mesmo da chuva pra enraizar, crescer e poder rancar. Aqui na roça mesmo a gente tem a mandioca e o aimpim e a gente sabe as diferença deles porque na rua ((cidade)), quando a gente vende, as pessoa pergunta se é mandioca porque a mandioca se comer embebeda, a pessoa fica tonta, então a gente separa e não vende assim a mandioca como aimpim.

Nós não tem casa de farinha não: lá tem casa de farinha manual e elétrica, mas, com os roubo de motores que teve aí, ficou mais pouca as casas da farinha (ficou longe pra gente). Tem uma lá que é elétrica; a gente não toma conta não: quem toma conta é um rapaz: a gente paga por diária, ele toma conta de tudinho, a gente só faz raspar a mandioca e levar e depois vai buscar a farinha. Aqui no terreiro, a gente planta coisas menor ou então árvores pra sombra. Os animais, que tem que ter cuidado de perto, a gente coloca mais perto da casa, no terreiro mesmo, como os porco, as galinha. Assim como a lavoura que é mais fácil de colher, mais rápido a gente aproveita também o terreiro pra isto. Quem toma mais conta é mãe mesmo que ta mais perto da casa... Agora pro lado de lá é a roça de Marcelo. A gente tem muita planta. Esse mato é umburana de cheiro. Aqui tudo é perto, tudo é conhecido. Pra me achar, é só procurar por João do Rompe Gibão. Todo mundo conhece.

As maiores recordações que eu tenho daqui da roça é das brincadeiras da escola. A gente na roça brincava muito de bandeirinha. Logo quando a gente começou a estudar no Colégio

Municipal em Serrolândia, a gente estudava pela parte da tarde e lá na roça a escola era pela parte da manhã; tinha vez que a gente ia só pra participar do recreio pra gente brincar de bandeirinha lá na escola. A gente saía decretado pra ir; quando dava a hora do recreio, a gente ia. A gente gostava muito de lá, da escola da roça.

Eu tenho muita vontade de me formar, porque eu me formando eu aprendo e posso ir em busca de algum estudo ou algum curso que me ajude na minha vida pra ter um bom emprego. Eu tenho vontade também de continuar estudano, eu quero fazer agora curso de informática. Curso de vestibular não me interessa muito agora não; posso me interessar mais na frente, mas agora o meu é curso de informática, outros cursos que não seja muito complicado, porque isso do vestibular tem a quantidade de anos, e eu quero um curso mais rápido de seis meses ou de um ano e pouco. Depois de formado, eu quero sair da roça, morar na cidade, mas sempre ter uma rocinha pra mode eu ir cuidar de vez em quando, nem que eu vá de oito em oito, uma vez na semana. Sempre eu gosto da roça. No futuro, eu tenho vontade de ir pra São Paulo, passar uns tempo lá, porque eu tenho vontade de conhecer mais, andar um pouco no mundo e eu tenho muito parente lá. Experiência com trabalho eu só tenho na roça, também eu sei fazer de tudo. Na roça, eu sei arar terra, plantar de máquina, capinar, roçar, derrubar pé de licuri, racar toco, fazer o desmatamento de uma mata, daquelas mata bem fechada que tem gravatá e tudo, queimada. Todo trabalho de roça eu tenho experiência pra fazer. A gente vem estudano muito sobre as queimada, que não pode fazer queimada, mas a gente continua fazendo como tratamento na terra porque a gente aprendemo com nossos pais que ele nunca deixa sem queimar. Lá mesmo, tem um homem que ele trabalha nessa área, fazendo esses projeto do sindicato. Ele não queima não; ele sempre fala que não pode queimar, que ali tem que deixar aquele bagaço ali que ele apodrece que serve pra terra ficar forte, ficar fértil, não pode fazer queimada. Sempre quando ele faz roça ele não faz queimada, ele pega aquele mato e junta todinho, deixa lá e vai indo com o tempo a terra consome... e meu pai sempre gosta de queimar pra não deixar aquele entulho ali na roça; ele acha ruim que fica empatando na hora de capinar aquele bagaço todo. Sempre ele queima.

Quando a gente era mais pequeno, a gente trabalhava muito pouco, e meu pai fazia com os vizinhos a troca de dia, uns faz digitório, mas lá era troca de dia. Tinha um vizinho lá que tinha quatro filhos; aí ele vinha com os quatro filhos pra trabalhar na roça de pai, aí juntava nós também, aí trabalhava ele e os filhos deles e a gente, aí trabalhava dois, três dia. Era por quantidade de dia, se ele trabalhasse na nossa roça três ou quatro dia mais os filhos dele,

depois pai ia também mais nós pra roça dele trabalhar o mesmo tanto de dias até pagar aqueles dias que trabalhou. Isso era chamado de troca de dia. Pai faz parte do sindicato há muito tempo, e eu quero até fazer minha carteira do sindicato e passar a fazer parte também.

Hoje a cidade maior que eu conheço é Salvador. Aqui em Serrolândia, eu vou em tudo, mas ainda não fui no caixa do banco sozinho, se eu for eu já consigo porque eu já fui umas vezes com meu irmão pra fazer depósito, aprender a tirar cheque, eu já tenho experiência e se eu for eu já consigo. Hoje que eu tô terminando o terceiro ano; eu sei coisas da roça, sei coisas da escola da rua ((cidade)), já aprendi muita coisa, mas computador; eu ainda não sei mexer; mas eu vou fazer curso assim que terminar, porque eu tenho muita vontade e sei que é importante pra gente poder estar mais informado, conversar com as pessoa, pra emprego. É uma das coisa que eu vou fazer assim que tiver tempo e dinheiro pra isto.



Foto 06 - Natanael, na Fazenda Rompe Gibão, em 15/07/07.

## HISTÓRIA DE VIDA N° 07 – RONIÈRE

Eu sou Roniere, moro na Fazenda Santa Rosa com minha mãe e minha irmã. Sou filho de Maria Silva, professora lá na Santa Rosa e de João. Meus pai são separados, meu pai mora numa roça perto daqui. Na minha família minha história é mais com minha mãe porque meu pai não ficou muito tempo com a gente; ele foi logo embora para São Paulo, e eu fiquei só com minha mãe. Até o meu nome foi minha mãe que botou porque gostou do nome e ela achou muito difícil de ter outra pessoa com este nome por aqui na Santa Rosa, eu ia ser diferente com este nome.

Como meus pais se separou, eu sempre fiquei mais com minha mãe, e ela sempre cobrou de mim na escola, no trabalho, sempre pegou muito assim no meu pé pra eu ser um pessoa direita. E como ela é professora, me cobrava muito no estudo, ela fala que a gente ((os filhos)) tem que estudar o que ela não conseguiu estudar E eu como sou o único homem da casa, faço muito no trabalho da roça também.

Minha infância pra mim foi ótima, que a gente saía, brincava bastante de luta, fazia malineza no quintal dos outros, tirava amendoim na roça de um vizinho. Era uma comédia. Brincava também de se esconder, do cuscuz que era um monte de terra com um pauzinho no meio aí ia com o pé espalhando a terra e quem derrubasse aquele pau levava murro. Era ótima essa brincadeira. Divertir muito quando eu era criança. Gostava de caçar passarinho com badogue, fazia curral com gude, pegava muito passarinho e criava em gaiola. Eu sempre morei na roça com minha mãe, um irmão e uma irmã. Eu tinha saudade de vê meu pai que ele trabalhava lá em São Paulo e eu só morava com minha mãe lá na Santa Rosa eles são separados. Quando eu nasci eles vivia juntos, depois separou, não deu certo. Depois ele voltou, hoje ele mora perto da gente. E tive contato cedo com a escola porque minha mãe era professora e ensinava em casa. Eu quando era pequeno, com uns sete ano, trabalhava na roça bem pouquinho, tentando ajudar o pai, mas não sabia direito, ele mandava embora. Eu era assim fogo de palha pro trabalho. Depois ele ((o pai)) foi embora pra São Paulo e eu fiquei aí passei o resto da infância. Aí quando foi com treze anos passei a trabalhar certo pra ele. Em São Paulo, ele ((o pai)) trabalhava numa firma, frigorífico, ele ficava lá porque ele separou de minha mãe. Aí agora ele arrumou outra mulher, comprou um terreno vizinho e aí agora eu passei a trabalhar pra ele. Eu moro ité hoje com minha mãe. Eu passei a ganhar trabalhando com meu pai, até hoje eu ganho.

Aqui na roça tudo é conhecido, a gente corre tudo aqui desde pequeno: conhece as pessoas, os bicho, as coisa da natureza... sabe o que tem depois da baixada, do pé de umbuzeiro. E, quando quer ir mais longe, um lugar que a gente não conhece aqui a gente sempre aprende onde é perguntando e aí as pessoa aqui na roça tem o costume de ficar dizendo as casas dos conhecido, como todo mundo conhece todo mundo a gente sempre chega no lugar. A gente já aprende na própria comunidade a dizer onde fica a casa de cada um. Na roça, também só serve essa forma mesmo, porque aqui o povo só sabe chegar nos lugar assim, falando o nome das pessoas que mora lá, o que encontra assim de árvore na estrada, de baixada, de tanque, essas coisas, aí a gente encontra rápido. Agora, os mais velho usa também as estrela de noite pra sair assim e encontrar o caminho depois.

Minha primeira escola foi lá na Santa Rosa mesmo, com minha mãe. Eu comecei estudar com seis anos em casa mesmo, que minha mãe é professora; ela foi quem me alfabetizou. A escola funcionava no início em uma sala da minha casa mesmo, eu fiz minha alfabetização lá. Minha mãe fastava as coisa da sala, e a gente estudava na mesa; ela passava os dever pra gente cobrir e aí a gente ia aprendendo as letra, as palavras. Depois passou a ser a sala de aula no prédio da Santa Rosa e nesse prédio eu fiz até a 4ª série. Eu estudei com minha mãe até a 1ª série. Quando eu estudava com minha mãe, ela me dava castigo porque que nem diz meu pai eu sempre fui arteiro. Estudar com a mãe em uns pontos foi bom; em outro, não, porque ela passava o dever, e eu costumava fazer mais em casa, e ela ficava o tempo todo me cobrando. Minha mãe sempre exigia que eu estudasse muito pra ser alguém na vida E que não parasse os estudo como ela que fez até a sexta série. Tinha hora que eu achava que ela era mais brava comigo do que com os outro, só porque era minha mãe. E aí eu ficava na sala, às vezes, mais como filho do que como aluno, até pra fazer as coisas da escola ou de casa era eu e era tudo ali, no mesmo lugar, com a mesma pessoa. Depois que a escola saiu de minha casa e foi pro prédio eu ia andando, mas era perto, um quilômetro. Depois eu fiz a 4ª série com Sebastião, em Gameleira. Era mais longe que o prédio da Santa Rosa, era dois quilômetros, aí eu já ia de bicicleta, eu mudei porque já tava acostumado muito com a professora, já tava perdendo ano, perdi uma ano. Aí minha mãe achou melhor mudar de lá. O ensino lá era bom, o professor Sebastião mesmo era muito bom, dava muita conta, cópia e dever pra nós. Mas minha mãe continuava pegando no meu pé, exigindo como se fosse a professora mesmo, até hoje. As lembranças que eu tenho da escola da roça era boa; brincava muito, tinha um monte de brincadeira boa. O ensino lá era bom, o professor Sebastião mesmo era muito bom.

Depois a 5ª série, já foi na rua, em Serrolândia, no Colégio Municipal. Vinha de carro que pegava lá na Santa Rosa. Quando eu cheguei no colégio, o primeiro dia foi um negócio diferente porque lá parecia um outro mundo tinha corredor, sala, banheiro, cantina, secretaria; tudo tinha seu lugar: as série era tudo separada, tinha muitas matéria. Pra gente se acostumar de tocar sineta entrar na sala, depois de um tempo já sineta de novo, outro professor. Eu ficava um pouco envergonhado logo no começo, não participava das aulas, tinha um medo, uma crise assim meia estranha, não conseguia me achar; ali, era tudo muito diferente. Na minha sala de aula mesmo não tinha crítica dos colegas porque tinha muitos lá da roça mesmo; então não teve esse negócio de crítica. Estudei lá até a 8ª série. Depois eu vim pra o Estadual. Enquanto eu tava no municipal, eu perdi dois anos. Quando eu vim pro Estadual, já foi pra estudar no EJA 1º e 2º, esse ano. No Estadual, não senti muita diferença do municipal não. Eu vim por causa do EJA, porque eu já tô atrasado; ne umas parte é bom e ne outras não, pois no EJA a gente aprende menos; isso é certeza, mas acelera mais a série que tá atrasado, e eu preciso porque eu quero terminar logo esse estudo pra eu sair.

Da escola da roça pra cá, eu não senti diferença nenhuma porque a mesma educação, coisa que a escola da roça dá o colégio da cidade também dá – a mesma educação. Comecei a estudar na roça, na sala da minha casa, com minha mãe, aprendendo as coisas com ela como eu já falei antes. Hoje estudo na rua ((cidade)), no Colégio Estadual faço 1º e 2º no EJA porque na roça só vai até a 4ª série, e aí a gente é obrigado a sair mesmo se quiser continuar estudando, aí a gente fica lá e cá ((entre a roça e a cidade)). A maneira de falar que é um pouco diferente, a linguagem às vezes puxa mais; o português já é bem diferente no jeito assim de falar porque o professor da cidade já fala mais desenvolvido, e o da roça é mais caipira. O aprender é muito importante pra mim. Tem coisa que eu aprendi com os meus pais, como a educação, respeitar o próximo. E teve também, depois da energia, a televisão trouxe muita mudança na minha casa porque a gente teve contato com outras coisas do mundo de fora que não tinha antes quando ouvia só o rádio. Eu não sei usar o computador, mas eu quero aprender porque é importante pra ter um emprego, uma coisa assim melhor se sair da roça como eu quero no futuro. Eu ainda não sei porque ter que ter um tempo extra pra aprender além da escola, e eu fico trabalhando e de noite estudando.

Depois que eu vim estudar na cidade, mudou em mim a maneira de falar, porque eu falava bem pouco e agora eu falo que nem um papagaio, hoje já tenho amizade com o pessoal daqui da cidade, já fico misturado nos grupo. Eu hoje não acho diferença alguma dos menino daqui

pra nós da roça, vejo tudo igual. A escola da cidade mudou então minha maneira de falar, hoje falo melhor, mais certo, e na escrita, o que eu fazia lá na roça continuou aqui; só foi aumentando.

Na questão da roça, tem a disciplina de agricultura, que já estudei ajudou bastante, e a ciência, porque fala de árvore, que eu não conhecia a planta parasita que eu não sabia que se a outra morresse ela também morria, que ela sobrevive com a outra. Também acho que só essas. A disciplina que eu sempre tive dificuldade foi em matemática, mas esse ano não tem ela não.

Eu tenho vontade de me formar, concluir os estudo pra sair. Eu não desejo continuar na roça, quer dizer, eu desejo sair pra eu arrumar um trabalho, comprar minha própria propriedade de terra pra mim, aí fazer uma casa pra mim só descansar na roça. Meus planos é terminar os estudo, pegar o diploma e ir pra São Paulo arrumar um emprego pra consegui o melhor pra mim. Eu acho que a roça não é o melhor, dá pra viver, mas não dá pra conseguir uma vida tranqüila. Eu só tive experiência de trabalho na roça. Eu sei capinar, destocar, roçar. Hoje quando eu trabalho com meu pai é de segunda a sexta e ganho meu salário assim, as diária. A cidade maior que eu conheço é São Paulo, fui lá pra passear. Não tenho dificuldade lá não. Em Serrolândia, eu resolvo tudo, tranqüilo; agora no banco, eu resolvo, mas não gosto de mexer com isso não.

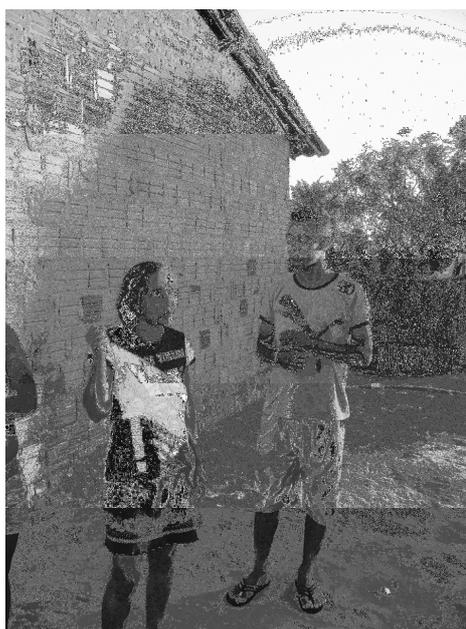


Foto 07 – Roniere, na Fazenda Santa Rosa, em 12/08/07.